



**REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM SEUS
FILHOS: UMA VISÃO SISTÊMICA**

Caroline Teresinha Camargo de Lima

Caxias do Sul, 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM SEUS
FILHOS: UMA VISÃO SISTÊMICA**

Trabalho apresentado como
requisito parcial para
aprovação da disciplina
Trabalho de Conclusão de
Curso II, sob supervisão da
Profa. Dra. Rossane Frizzo de
Godoy.

Caroline Teresinha Camargo de Lima

Caxias do Sul, 2019.

AGRADECIMENTOS

Como ponto de partida desse trabalho gostaria de agradecer a minha família por ter sempre me dado força e me apoiado em minhas decisões. Agradecer especialmente a minha mãe Marcia, que sempre me guiou a fazer o bem e me auxiliou na construção dos meus valores, bem como sempre batalhou muito para me proporcionar uma educação de qualidade; ao meu pai Ronaldo, que mesmo não estando mais entre nós deixou seu legado em minha vida ao ser sempre muito carinhoso e justo, e batalhou ao lado de minha mãe com o mesmo objetivo; as minhas irmãs mais novas Nathalie e Emilie, que acrescentaram muito em minha vida desde o dia em que nasceram; e minha avó Marlene, que mesmo estando internada no hospital em uma situação não favorável transmitiu em mim sua força e me incentivou a não desistir quando as coisas não estão indo muito bem.

Também agradeço a minha namorada Fernanda por sempre estar ao meu lado nos momentos bons e ruins, me dando suporte e afago quando necessário e amor todos os dias. Agradeço por ela ter passado por todo o processo da graduação comigo, sendo sempre compreensiva e me oferecendo apoio e motivação antes de cada prova e apresentação de trabalho. Aproveito para firmar meu comprometimento com essa mulher que tanto soma em minha vida, e que possamos percorrer um longo caminho lado a lado, sempre auxiliando uma a outra a crescer, tanto individualmente, quanto como casal.

Agradeço ainda as amizades que fiz durante a graduação e que se mantiveram até o fim, amizades essas que gostaria de levar para a vida por serem pessoas incríveis e que fazem me sentir bem. Utilizo desse espaço para ressaltar a saudade que sentirei das conversas no bar do Olavo e das noites pós-aulas passadas no Baruks na companhia de indivíduos divertidos e que possibilitam a troca de angústias advindas de situações do curso. Gostaria de citar Luíse e Simone pela parceria durante a maior parte do tempo em que estive na universidade, que possamos levar esse trio para a vida e continuar apoiando uma à outra em nossas carreiras profissionais e pessoais.

Além disso, gostaria de agradecer aos professores que fizeram parte da construção do meu conhecimento nesses anos, cada um acrescentou muito para que eu pudesse chegar até aqui e levarei seus ensinamentos para sempre. Quero citar especialmente a Profa. Rossane por me orientar na construção desse trabalho, e me tranquilizar todas as vezes que estava aflita durante o processo, bem como a Profa. Bruna que me orientou no estágio clínico, área que tenho apreço, me passando seu conhecimento da abordagem sistêmica, utilizada nesse trabalho e em meus atendimentos clínicos.

Por fim, agradeço a mim mesma por conseguir concluir mais uma etapa de vida, sempre com muita persistência e garra, mas nunca deixando de cuidar de minha saúde mental e física. Foram sete anos e meio de muitas perdas a serem superadas, porém de muitas conquistas a serem comemoradas. Acabo a graduação com o sentimento de completude e de satisfação por ter escolhido o caminho certo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
OBJETIVOS.....	10
REVISÃO DA LITERATURA.....	11
Violência doméstica contra a mulher no Brasil.....	11
Exposição a violência doméstica.....	13
Conceitos da teoria sistêmica.....	15
MÉTODO.....	19
Delineamento.....	19
Fontes.....	19
Instrumentos.....	20
Procedimentos.....	20
Referencial de análise.....	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXO.....	35

RESUMO

Famílias permeadas pela violência doméstica contra a mulher tendem a acarretar sofrimento psíquico intenso a seus membros. Crianças inseridas nessas famílias, na maior parte dos casos, presenciam cenas constantes de violência, ao ponto em que se tornam vítimas indiretas das situações. O objetivo geral do trabalho é identificar possíveis consequências psicológicas presentes em filhos(as) de mulheres em contexto de violência doméstica, a partir da teoria sistêmica. Os objetivos específicos contemplam: caracterizar violência doméstica contra a mulher; descrever aspectos existentes em pessoas expostas à violência doméstica sofrida por suas mães; e elucidar contribuições da teoria sistêmica a respeito da dinâmica que ocorre em famílias acometidas pela violência doméstica contra a mulher. Na revisão de literatura, o tópico de violência doméstica no Brasil abrange as definições de gênero, o histórico desse tipo de violência no país e as mães que são acometidas pela mesma; o tópico exposição à violência doméstica correlaciona famílias com filhos e violência intrafamiliar; e o tópico conceitos da teoria sistêmica elucida alguns conceitos utilizados pela teoria sistêmica. Utilizou-se o delineamento qualitativo de caráter exploratório e interpretativo. Como fonte foi escolhida uma reportagem chamada “Filhos da Violência Doméstica”, realizada pelo programa “Caminhos da Reportagem” da TV Brasil em 2010. Neste, adultos que foram expostos a violência doméstica quando crianças compartilham suas experiências, juntamente com suas mães, as vítimas das agressões. A partir disso algumas cenas foram selecionadas e categorizadas nos itens: contextos da violência doméstica; repercussões nos filhos; e aspectos conceituais da teoria sistêmica. O referencial de análise respalda-se na análise de conteúdo de Laville e Dionne. As consequências da exposição à violência doméstica quando crianças manifestam-se nos sujeitos a partir de diferentes sintomas, sejam eles cognitivos, comportamentais e emocionais. Estes sintomas evidenciaram-se através de seus relatos sobre as dificuldades e desafios enfrentados em suas vidas adultas, em razão das circunstâncias em que se desenvolveram. As principais sequelas apresentadas foram inabilidade em demonstrar afeto para outras pessoas, envolvimento em repetidos relacionamentos violentos, habilidades sociais escassas e sentimentos de inferioridade em relação a terceiros.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Terapia Sistêmica, Violência Contra a Mulher, Parentalidade e Conjugalidade.

INTRODUÇÃO

A escolha de tal tema justifica-se devido a contribuições da minha trajetória acadêmica. Minha atenção foi direcionada a violência doméstica e desenvolvimento infantil nas seguintes matérias: Psicologia da Infância, Família e Processos Psicossociais, Processos Psicopatológicos na Infância, Psicologia e Psicoterapia Sistêmica, Psicodiagnóstico II, Intervenção em Contextos de Família e Intervenção Clínica na Infância e na Adolescência. As temáticas discutidas em aula, bem como alguns trabalhos apresentados, foram responsáveis pelo meu interesse em construir um trabalho para aprofundar os conhecimentos adquiridos.

Na disciplina Psicologia da Infância tive meu primeiro contato com o assunto do psiquismo infantil e dos fatores de risco da violência, bem como o papel da família nesses processos. Em Processos Psicopatológicos na Infância foram explanadas as consequências das violências no psiquismo de crianças, e o sofrimento psíquico causado nas mesmas. Intervenção Clínica na Infância e na Adolescência foi meu primeiro contato com as técnicas de intervenção nesses casos, pelo viés de diversas teorias da psicologia. Também foi discutido o desenvolvimento infantil e a violência contra a mulher. Meu interesse pela psicologia infantil cresceu quando atendi uma criança de oito anos em Psicodiagnóstico II, foi uma experiência enriquecedora, onde tive oportunidade de confirmar minha afeição por essa área.

A disciplina Família e Processos Psicossociais foi minha introdução a psicologia sistêmica, sendo apresentada a diversos conceitos, tais como, mitos, rituais e comunicação familiar. Também, nessa disciplina, foram tratados assuntos relevantes ao tema escolhido, como: Padrões de gênero, família na contemporaneidade e resiliência familiar. Em Psicologia e Psicoterapia Sistêmica foi dado continuidade a esses assuntos, mas com mais foco nos diferentes tipos de terapias que a sistêmica oferece. Intervenção em Contextos de Família contemplou a prática dos conteúdos aprendidos anteriormente, mostrando aos acadêmicos como intervir em situações familiares. O trabalho desta disciplina consistiu na formulação de um artigo científico, um dos temas tratados nos trabalhos foi a violência doméstica.

Além da minha trajetória acadêmica, alguns dados, teorias e pesquisas demonstram a importância e relevância desse tema ser abordado nos dias atuais. A Constituição Brasileira prevê que é dever da família, sociedade e Estado garantir à criança e ao adolescente o direito à vida, alimentação, saúde, lazer, educação, respeito, dignidade e

liberdade. Além disso, também proteger a criança e adolescente de qualquer forma de negligência, exploração, opressão e crueldade (BRASIL, 1988).

A violência intrafamiliar pode ser compreendida como qualquer atitude danosa a saúde mental, física e emocional, bem como desfavorável ao desenvolvimento e ao direito de liberdade de um familiar. Trata-se de uma violência cometida por qualquer membro da família, que exerça poder sob a vítima (Day, Telles, Zoratto, Azambuja, Machado, Silveira, Debiaggi, Reis, Cardoso & Blank, 2003).

A violência doméstica psicológica agregada a violência física é o tipo de agressão que mais tem se evidenciado, mesmo assim continua sendo a categoria mais negligenciada. Isso pode estar associado ao fato da mídia somente anunciar casos de violência quando estes apresentaram danos físicos a vítima, não levando em consideração a manipulação psíquica e as pessoas acometidas indiretamente ao presenciar as situações, muitas vezes traumáticas (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

Segundo Ribeiro e Coutinho (2011), dados do Banco Mundial evidenciam que na América Latina a violência doméstica acomete de 25% a 50% das mulheres e, somando todos os crimes praticados contra a mulher, em 70% dos casos, o autor é seu companheiro.

Segundo o Instituto Maria da Penha, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal, e a cada 22,5 segundos uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento (<http://www.relogiosdaviolencia.com.br/>).

Além disso, a Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, concluiu que 23% dos adultos que presenciaram violência doméstica quando crianças, têm memórias claras de suas mães sendo agredidas (Carvalho & Oliveira, 2017).

Bowlby (1982), em sua teoria do apego, destaca que para a criança se desenvolver de maneira positiva, ela necessita de proteção advinda dos adultos que as cercam. Essa sensação de segurança é tão importante quanto alimentá-la e nutri-la.

Bandura (1976), em sua obra *Social Learning Theory*, discorre sobre a Aprendizagem Social, essa teoria contempla os padrões assimilados na infância, e a repetição dos mesmos na vida adulta. Então, segundo o autor, se uma criança cresce presenciando violência doméstica, há grandes chances dela se tornar um adulto violento.

Segundo Aberastury (1992), a criança que cresce presenciando violência corre o risco, pelo processo de busca de identificação, de se tornar um adolescente violento, e, se não houver tentativa de mudança desse comportamento, evoluirá para um adulto também violento.

Fergusson e Horwood (1998) conduziram um estudo sobre as consequências, a longo prazo, em pessoas que foram expostas a cenas de violência doméstica quando crianças. Os resultados mostraram que esses sujeitos se tornaram adultos com diversas dificuldades de ajuste social, incluindo problemas de saúde, abuso de substâncias tóxicas e comportamentos criminosos. Além disso, demonstraram sintomas de ansiedade e desordem de conduta.

Pesquisas realizadas concluíram que crianças, as quais presenciam agressões domésticas, são mais propensas a desenvolverem transtornos mentais, além de correrem risco de se tornarem alvos da violência física advinda do agressor, sendo assim, necessitam de proteção (Sinclair, 1985).

A teoria sistêmica tem a individuação como parte de seu conceito de família, onde acontecem, simultaneamente, o sentimento de pertencimento aquele sistema e a construção da identidade individual de cada membro (Costa, 2010). Dessa maneira, é esperado que aconteça a passagem de valores e modos de agir, daquela família para suas próximas gerações, bem como terão interferência nas preferências afetivas de seus membros, construindo um padrão pela representação simbólica e, também, pelo meio sociocultural que o sistema familiar está inserido (Sant'anna & Penso, 2016).

A revisão de estudos recentes na área da violência doméstica indicou a importância do aprofundamento sobre as consequências enfrentadas pelas crianças envolvidas em tais situações, visto que são diversas e podem colocá-las em risco.

Em vista do que foi apresentado, este trabalho busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: Quais as possíveis consequências psicológicas presentes em filhos(as) de mulheres em contexto de violência doméstica, a partir da teoria sistêmica?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis consequências psicológicas presentes em filhos(as) de mulheres em contexto de violência doméstica, a partir da teoria sistêmica.

Objetivos Específicos

- Caracterizar violência doméstica contra a mulher.
- Descrever aspectos existentes em pessoas expostas à violência doméstica sofrida por suas mães.
- Elucidar contribuições da teoria sistêmica a respeito da dinâmica que ocorre em famílias acometidas pela violência doméstica contra a mulher.

REVISÃO DA LITERATURA

Violência doméstica contra a mulher no Brasil

A visibilidade da violência contra a mulher, no contexto atual, deve-se basicamente aos subsídios do movimento feminista, sendo este um importante movimento social do século XX, uma vez que pode proporcionar mudanças nas entidades e nos valores presentes na sociedade (Silva, 2010). O feminismo, no decorrer de sua história, estabeleceu reivindicações a favor da igualdade de direitos políticos, civis e sociais entre homens e mulheres. Paralelamente à sua posição política, envolveu-se também na dimensão teórica/acadêmica, viabilizando diversos estudos e pesquisas, com intuito de apreender o fenômeno em questão (Martins, 2015).

O movimento feminista, historicamente, foi composto por “ondas”, que foram fases ocorridas em diferentes épocas e com diferentes vieses. A primeira onda caracteriza o surgimento do movimento feminista, com a proposta de representar a luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens (Narvaz & Koller, 2006). O movimento sufragista (grupo de mulheres que se uniu em prol da busca de seus direitos na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha) teve papel fundamental nessa fase de surgimento do feminismo. O objetivo do movimento feminista, nessa época, era a luta contra a discriminação das mulheres e pela garantia de direitos, inclusive do direito ao voto. Inscreve-se nesta primeira fase a denúncia da opressão à mulher imposta pelo patriarcado (Abreu, 2002).

A violência doméstica deferida à mulher no Brasil se refere aos primeiros estudos sobre gênero e seus significantes. No âmbito político da ditadura militar, com influência dos grupos feministas norte americanos e europeus juntando forças, iniciam-se os primeiros movimentos feministas entre estudantes do meio acadêmico no ano de 1970, nos quais as alunas discutiam sobre a condição feminina a que eram submetidas. As lutas eram em busca de direitos básicos como habitação, educação, respeito e saneamento básico. Neste período, a violência contra mulher ocupava um lugar de grande abrangência, pois, naquela época, a sociedade convivia com as agressões, porém não possuía nenhum programa governamental de atendimento a essas mulheres/famílias (Santos, 2011).

Por meio da segunda onda do feminismo, nos anos setenta e oitenta, a violência contra a mulher obteve reconhecimento no Brasil. Neste momento, foram estabelecidas pautas culturais, as quais buscaram desconstruir e questionar os papéis sociais padronizados, marcados por uma ótica desigual, atribuídos aos homens e às mulheres,

tanto nas relações afetivas, como na esfera política e no trabalho. (Martins, 2015; Guimarães & Pedroza, 2015).

Em agosto de 2006, criou-se a Lei 11.340, intitulada de Lei Maria da Penha, a qual possibilitou uma maior atenção e visibilidade a questões que envolvem violência familiar e doméstica contra o sexo feminino. A Lei Maria da Penha pune os agressores que, de alguma forma, violentaram mulheres. Com a sua aprovação, tornou-se possível a criação de diversas políticas públicas, que beneficiam a vítima — ao oferecer proteção, segurança, auxílio psicológico, entre outros — e buscam reeducar o agressor, com o objetivo de que este entenda que seus comportamentos são prejudiciais à saúde física e psicológica da vítima, tendo por finalidade a não repetição dos atos violentos (Elias & Gauer, 2014).

Há necessidade de compreender o conceito de gênero, já que este é considerado um componente essencial das relações sociais (Kronbauer & Meneghel, 2005). Antes do movimento feminista se fazer presente, a palavra gênero era considerada uma variação do binarismo feminino/masculino, homem/mulher, sob perspectiva apenas biológica (Scott, 1995). Com o movimento em vigor, pode-se compreender gênero como uma forma de representação das construções sociais — papéis atribuídos diferencialmente aos homens e às mulheres (Scott, 1995).

A violência de gênero é aquela que recai sobre as pessoas em virtude do gênero a qual pertencem, logo, a violência ocorre diante dos papéis que tanto homens como mulheres atribuem para si (Strey, 2004). Embora fique claro que ambos possam sofrer desta violência, visto que o conceito de gênero é amplo, estatisticamente a incidência se dá em sua maioria sobre as mulheres. Culturalmente, em algumas sociedades, ela é vítima primaz (Saffioti, 2015). De modo geral, as violentas relações entre homens e mulheres podem ser vistas como um fragmento das relações sociais, baseadas nas diferenças culturais implicadas nos gêneros, que buscam afirmar, por intermédio da violência, suas identidades masculinas e femininas (Minayo, Silva & Gomes 2005).

A violência de gênero pode ser entendida por aquela que os homens cometem contra as mulheres, sendo o fato de a vítima ser mulher a principal causa da agressão. As mulheres são agredidas pelo simples fato de serem do sexo feminino, sendo assim, a violência segue sendo uma forma de dominação desempenhada pelos homens, acarretando em consequências em toda dinâmica familiar. É possível indagar que, em todos os locais do mundo, existem mulheres vivendo em condições de desigualdade social em relação aos homens. Todavia, essas desigualdades não são mais aceitas em silêncio, emergindo manifestações de grande magnitude contra elas (Casique & Furegato, 2006).

A violência contra a mulher é presente na maioria das sociedades, sendo esta praticada pelo parceiro íntimo, constituindo a forma mais endêmica de violência, podendo ser reconhecida como um fenômeno cultural, enraizado nos costumes dos locais, tornando-se aceitável e reproduzível. Segundo o Banco Mundial, uma mulher tem maior probabilidade de ser espancada, violada ou assassinada pelo seu companheiro atual ou anterior do que por um estranho (Menezes, Amorim, Santos & Faúndes, 2003).

A existência de violência contra a mulher provoca diversas consequências prejudiciais a vida da mesma, já que não só influencia em seu desenvolvimento, mas também danifica e compromete o desempenho dos direitos humanos e da cidadania, juntamente com o andamento da parte socioeconômica de um país (Narvaz & Koller, 2006). Há uma incidência de dados que assinalam que as mães agredidas exibem níveis altos de estresse e, na maioria dos casos, repercutem no exercício de seus papéis parentais, como por exemplo, no relacionamento com seus filhos. As mães que sofrem violência de gênero vivenciam sentimentos de incompetência frente a capacidade de ser mãe, considerando-se más influências e, por vezes, explanando suas interações com os filhos como sendo algo desagradável e estressante. Os estudos dos autores informam que, dentre as mães analisadas, as que obtiveram maior índice de agressão/estresse foram as que mais relataram problemas relacionais com os filhos, e identificaram que os mesmos apresentam comportamentos desadaptativos (Patias, Bossi & Dell’Aglia, 2014).

Os filhos de mulheres acometidas pela violência doméstica sofrem consequências tanto psicológicas, quanto comportamentais. Isso ocorre pelo fato de presenciarem as situações agressivas, direta ou indiretamente, por meio de machucados ou pelo estado emocional da mãe (Durand, Schraiber, França-Junior & Barros, 2011). Essa temática será melhor explorada no próximo tópico desta revisão.

Exposição à violência doméstica

Segundo Magro e Senra (2014), pode-se dizer que a violência é um ato complexo, marcado por desuniformidade de poder em relação à gênero, instituições sociais e sexualidade. Dentre as variadas formas de manifestações do fenômeno, a violência ocorrida dentro das famílias pode acontecer tanto dentro, quanto fora das casas, sendo praticada por qualquer membro da família que detenha poder sobre a vítima. As incidências de maior número são geradas pelos pais/cônjuges, os quais, na maioria dos casos, praticam um combo de agressões, sendo elas: física, psicológica e sexual. Em conjunto a isso, também ocorre negligência. A violência intrafamiliar é conceituada pelos autores como toda ação ou omissão que possa prejudicar o bem estar, a integridade física e

psicológica, a liberdade e o direito ao desenvolvimento pleno de qualquer membro da família — filhos, cônjuges ou agregados.

Para Caprichoso (2010), a exposição de crianças à violência que ocorre no ambiente doméstico e familiar, seja ela independente de sua expressão, é causadora de efeitos negativos sobre a saúde e o bem estar físico e psicológico do menor. O efeito mais adverso observável é de ordem psicológica, o qual pode levar a criança a desenvolver sintomas como ansiedade, depressão e embotamento, sendo que, em casos mais limítrofes, a criança necessita de internação.

A criança que observa algum dos membros da família sendo agredido enquadra-se também em um tipo de violência, pois lhe causa sofrimento. Considera-se que a violência psicológica é a menos diagnosticada, o que contradiz os números, pois é a mais prevalente e é mais causadora de danos no desenvolvimento infantil que a violência física. Ela provoca danos complexos e distorce o mapa psicológico do menor que a vivencia. As consequências mais observadas nas crianças são, além de ansiedade e depressão, insegurança constante, transtornos de estresse pós-traumático, distúrbios alimentares e tentativas de suicídio (Abranches & Assis, 2011; Padilha & Silva, 2012; Lourenço, Baptista, Senra, Almeida, Basílio & Bhone, 2013).

Na maioria dos casos, o cônjuge detentor do poder utiliza-se da violência física para educar/disciplinar/impôr regra à vítima. A criança que faz parte deste microsistema familiar poderá ter a inserção de sentimentos negativos como revolta, humilhação, tristeza e mágoa, podendo perpassar para a idade adulta. A criança pode também repetir os comportamentos do agressor, tanto no presente, como no futuro (Gabatz, Padoin, Neves & Terra, 2010; Apostólico, Hino & Egry, 2013).

Almeida e Lourenço (2012), Lourenço e Senra (2012) e Sousa, Vieira e Sousa (2013) descrevem que esse tipo de experiência na vida da criança é fator de risco para seu desenvolvimento, a qual pode vir a expressar raiva, medo, ansiedade, revolta contra o agressor e vítima, desconfiança, diminuição do desenvolvimento cognitivo e complicações no aprendizado, relações evitativas, baixa auto estima, medos sem motivo eminente, ambivalência de sentimentos e percepção distorcida de si mesmo e de sua família.

Ramos e Silva (2011) também destacam os efeitos adversos da violência intrafamiliar exposta aos menores, realçando que a mesma se constitui em uma realidade angustiante. Os prejuízos no desenvolvimento da criança podem ser de curto, médio e longo prazo, sendo de ordem tanto física, quanto psicossocial — podendo ser tão desgastante que reflita em comportamentos e atitudes desajustadas também na idade adulta.

Dentre as principais consequências dessa violência para as crianças, já descritas nos parágrafos anteriores, pode-se elucidar também sobre a adoção de comportamentos de risco, provenientes dos traumas gerados, sendo eles: abuso de álcool e outras drogas, gravidez precoce, problemas mentais, comportamentos agressivos, prostituição e tentativas recorrentes de suicídio na adolescência ou idade adulta. (Brasil, 2008).

Para Martins (2009), crianças que vivem em circunstâncias em que testemunham agressões têm suas concepções de casa e família ameaçada, visto que a referência de local de segurança e proteção, que deveria estar sendo formada, fragmenta-se, deixando as crianças sem figuras de suporte e modelo saudável/adaptativo. Pode-se descrever também que a omissão do papel de alicerce emocional e de confiança que os filhos deveriam ter perante os pais não atende as necessidades básicas de uma criança, podendo vir a comprometer gravemente seus padrões e mecanismos de vinculação, tanto no momento atual, como no futuro.

Para Menezes et al (2003), existe um grande índice de frustração e insatisfação — aliados a comportamentos de risco, como álcool e drogas — que favorecem o início do ciclo da violência em famílias mais pobres, pois elas tendem a serem compostas por um maior número de integrantes, acarretando em um menor cuidado por parte dos pais com os filhos, tanto no quesito financeiro como no educacional.

O comprometimento da exposição à violência intrafamiliar para a saúde e desempenho escolar de adolescentes, deixa claro a importância dos profissionais da saúde e dos educadores no processo de identificação do fenômeno (Magalhães, Gomes, Campos, Camargo, Estrela & Couto, 2017).

Conceitos da teoria sistêmica

A terapia familiar é fundamentada na visão de que o homem não é um ser isolado, mas sim um ser ativo/reactivo dos grupos sociais em que se insere. A concentração dos terapeutas sistêmicos em analisar a dinâmica relacional dos homens surge a partir da compreensão da influência psíquica existente (Minuchin, 1990).

De acordo com Nichols (2007), as famílias são um conjunto de fronteiras que se influenciam mutuamente de maneiras poderosas, fortes e imprevisíveis. Nessas famílias existem padrões consistentes de comportamento familiar, o que nos permite considerar que eles têm uma estrutura de sentido funcional. O autor complementa que é necessário entendermos a organização familiar, já que é ela que sustenta e mantém as interações dentro de uma família em funcionamento. Um exemplo observável que o autor traz é o de pais que repreendem ou que se agriem. Esses pais podem acabar se revelando dois

parceiros que se prejudicam, porque um está emaranhado com a criança, enquanto o outro é um excluído zangado. Se for assim, as tentativas de incentivar uma disciplina eficaz provavelmente fracassará, a menos que o problema estrutural seja tratado, e os pais desenvolvam uma parceria genuína. Os pais mais emaranhados tendem a ser mais amorosos e atenciosos, passar mais tempo com os filhos e fazer muito por eles.

A estrutura hierárquica, além de sua finalidade de organização, cumpre o papel de manter a privacidade do casal, dando a eles, além de um posto de segurança, locais demarcados (Nichols, 2007). Segundo Dias (2011), os indivíduos formam subsistemas dentro das famílias, sendo o paternal, o fraternal e o conjugal os mais comuns. Esses subsistemas podem ter sido formados por gênero, interesse, geração ou função. A organização de subsistemas de uma família fornece subsídios para a quebra de homeostase, em se tratando do processo de manutenção de sistemas e subsistemas disfuncionais. As fronteiras de um subsistema são os tópicos que definem quem participa e como participa. A função da fronteira é proteger a diferenciação do sistema. Cada subsistema familiar tem funções específicas. Para o funcionamento apropriado da família, as fronteiras dos subsistemas devem ser nítidas. Devem ser definidas suficientemente bem para que possam permitir, aos membros do subsistema, clareza em suas funções.

De acordo com Minuchin (1990), a estrutura familiar é a soma invisível de requisitos funcionais, que visam organizar os modelos de interação do grupo. Uma família, por ser um sistema que opera através de modelos transacionais, com padrões pré-estabelecidos, quando os seguem de forma homeostática, tendem a reforçar o sistema. Os padrões transacionais ordenam o comportamento da família. Alguns são mantidos por dois sistemas de repressão. O primeiro é genérico, o qual envolve regras universais, que orientam a organização familiar. Por exemplo, deve existir uma hierarquia de poder, em que os pais e os filhos têm diferentes níveis de autoridade. Também, seria significativo existir complementaridade das funções, no qual os cônjuges aceitam a interdependência e a hierarquia dos membros, operando como uma equipe.

Nichols (2007) discorre sobre a abordagem narrativa, a qual é parte integrante da teoria sistêmica. Segundo o autor, tal abordagem afirma que todo o conhecimento é visto como construído, em vez de descoberto, que se preocupa com o modo em que as pessoas constroem seus significados, a partir das suas experiências, em vez de se preocuparem com a maneira em que se comportam. A narrativa focaliza cognições autoderrotistas (as histórias que as pessoas contam a si mesmas sobre seus problemas), com o objetivo de expandir o pensamento dos clientes, para permitir que considerem maneiras alternativas de olhar para si mesmos e seus problemas. Isso porque, quando as histórias que as pessoas

contam a si mesmas levam-nas a construir sua experiência de maneira prejudicial, elas tendem a mergulhar em problemas. Esse problema, por exemplo, provavelmente persistirá enquanto tais histórias prejudiciais continuarem imutáveis.

O maior desafio enfrentado por aqueles que tratam de famílias é enxergar além das personalidades e perceber os padrões de influência que determinam o comportamento dos membros da família. É costumeiro ver o que acontece nas famílias como produto de qualidades individuais, já que ver padrões de relacionamento requer uma mudança radical de perspectiva. Outro elemento importante para compreender essa linha de pensamento consiste no que o mesmo autor traz como homeostase: auto regulação que mantém os sistemas em um estado de equilíbrio dinâmico. No entanto, nem sempre esse dinamismo se mantém de forma saudável. Em determinados casos, é necessário que haja uma quebra na homeostase para que a família perceba os padrões que se mantêm disfuncionais e assim ir em busca de uma mudança (Nichols, 2007).

A Terapia Sistêmica Estratégica trabalha com o conceito de *feedbacks*. Existem dois tipos diferentes: o positivo e o negativo. Tais *feedbacks* são chamados assim devido aos efeitos que causam no sistema familiar. O *feedback* negativo assegura a homeostase familiar, mantendo a estabilidade sem ocorrer nenhuma mudança. O *feedback* positivo causa alguma mudança no ambiente familiar, acarretando quebra na homeostase (Camacho, 2005).

A maneira que os pais tratam seus filhos tem relação direta com o desenvolvimento de seus autoconceitos, ou seja, quanto mais negativas forem as interações (gritos, punições, xingamentos, ameaças), mais negativo será o desdobramento do autoconceito da criança (Loos & Casseiro, 2010).

A Terapia Familiar de Bowen é composta por diversos conceitos importantes para o tema aqui debatido. Um deles é a diferenciação de *self*, que diz respeito ao nível de individuação do sujeito em relação a sua família de origem (Bowen, 1979). Ao passar para o filho suas frustrações, a mãe transfere sua ansiedade e sua carga emocional, acabando por não estimulá-lo a realizar o processo de diferenciação. Consequentemente, o filho é prejudicado emocionalmente, tornando-se um adulto infantilizado e imaturo psiquicamente (Martins, Rabinovich & Silva, 2008).

Outra definição da teoria de Bowen é a transmissão multigeracional, que se refere ao movimento de passagem de ansiedades e processos emocionais de geração para geração. Famílias que realizam esse deslocamento tendem a não fornecer espaço para os filhos efetuarem suas próprias escolhas, os quais se conformam com a situação ou se rebelam (Martins, Rabinovich & Silva, 2008).

O processo de triangulação é um conceito da teoria sistêmica que se mostra pertinente quando abordado o assunto da violência familiar. A triangulação ocorre entre três pessoas, sempre envolvendo uma dupla e um terceiro, o qual participará mais ativamente da relação à medida que o nível de desconforto e ansiedade aumentar entre as duas pessoas. No caso, uma das pessoas participante da relação dual estabelecida buscará uma terceira para aliviar a tensão (Mota, 2012).

De acordo com Schmidt, Schneider e Crepaldi (2011), os integrantes de uma família costumam apresentar sentimentos e percepções de ligações especiais entre si, sentimento este conhecido por vínculo familiar. Por existir laços que unem as famílias, encontra-se o interesse de apoio, defesa e proteção entre os membros. No entanto, compreende-se que tensões e conflitos são inevitáveis nos relacionamentos, desdobrando-se, por vezes, em situações de violência. Desavenças e atritos ocorrem em todas as famílias, sem exceção, porém é necessário que se planeje métodos de resolução dos conflitos sem uso de violência física/verbal, mas sim fazendo uso de espaços conversacionais, mais adequados, saudáveis e satisfatórios para todos os familiares. Há famílias que convivem com um padrão disfuncional de resolução de conflitos, alicerçado em comportamentos prejudiciais, que se beneficiam da fraqueza de alguns dos integrantes para impor seu poder, colocando o membro em risco.

MÉTODO

Delineamento

O escopo da ciência é a verificação da autenticidade de fatos, a fim de comprová-los, ou não. Para isso, faz-se necessário a utilização de técnicas e métodos de pesquisa. Tais métodos podem ser definidos como a junção de procedimentos intelectuais e técnicos, aplicados com o intuito de atingir determinado conhecimento (Gil, 2008).

Método é um conjunto de passos a serem seguidos para se chegar a um fim previamente planejado. Técnica e método por vezes se confundem, em termos de conceitualização. Pode-se dizer que o método é constituído por técnicas, onde o primeiro indica o que fazer, e o segundo como fazer (Galliano, 1979).

Para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foi utilizada a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa investiga os assuntos levando em consideração a subjetividade humana, a partir da perspectiva de seus componentes previamente escolhidos. Além disso, o autor acrescenta que esse tipo de pesquisa visa compreender os significados das situações, ao invés de somente descrevê-las.

A pesquisa exploratória tem como propósito a aproximação e familiarização com o tema problematizado, para assim torná-lo mais compreensível e levantar suposições acerca do mesmo (Gerhardt & Silveira, 2009).

De acordo com Gil (2008), as pesquisas bibliográficas são criadas a partir de um material já existente, composto por artigos científicos e livros. Esse modelo tem por principal vantagem, o fato de proporcionar ao pesquisador o entendimento de mais fenômenos, do que se pesquisasse diretamente. E, após as análises das bibliografias e fontes de estudo, realiza-se a interpretação do material referenciado, objetivando alcançar significados mais abrangentes aos dados já descritos. Frente a este motivo, principalmente em pesquisas qualitativas, interliga-se a interpretação com as pesquisas exploratórias.

Fontes

O artefato cultural que foi utilizado como fonte para relacionar a teoria com dados observáveis é uma reportagem chamada “Filhos da Violência Doméstica”, realizada pelo programa “Caminhos da Reportagem” da TV Brasil no ano de 2010, produzida por Eduardo Goulart de Andrade, Mariana Fabre, Paula Abritta, Thaís Rosa, Aline Beckstein e dirigida por Bianca Vasconcellos. Neste, adultos que foram expostos a violência doméstica

quando crianças compartilham suas experiências, juntamente com suas mães, as vítimas das agressões.

Instrumentos

Após assistir a reportagem algumas cenas foram organizadas em uma tabela (ver anexo) com as principais falas dos protagonistas, visando melhor entender os conflitos vivenciados na infância. Segundo Laville e Dionne (1999), fazer uso de recortes de conteúdos possibilita ao pesquisador organizar e reunir elementos essenciais da obra, integrando-os à revisão da literatura.

Procedimentos

Como ponto de partida a reportagem “Filhos da Violência Doméstica” foi assistida diversas vezes, após foram selecionadas cenas que foram descritas em uma tabela e divididas em categorias, visando melhor compreender as consequências psíquicas em crianças expostas à cenas de violência doméstica, bem como sua relação com a dinâmica familiar. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999).

Referencial de Análise

A análise de conteúdo foi o referencial escolhido. Caracterizado por Laville e Dionne (1999) como um método que possibilita ao pesquisador um vasto caminho para a cientificidade, juntamente com a desconstrução de elementos, conteúdos e significados provenientes dos diversos materiais buscados, objetivando a construção de novos conhecimentos. Ainda, de acordo com os autores, as categorias foram de modelo aberto, sendo definidas *a posteriori*, com o emparelhamento teórico da sistêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na reportagem escolhida para a realização desse trabalho de conclusão de curso, foram analisadas 17 cenas, divididas em três categorias. A primeira categoria abarca os contextos da violência doméstica em cada família, a segunda retrata as repercussões nos filhos, e a terceira discorre sobre os aspectos conceituais da teoria sistêmica. As categorias serão abordadas separadamente, a seguir, com o intuito de proporcionar a compreensão do assunto.

Categoria 1 - Contextos da violência doméstica

A reportagem “Filhos da Violência Doméstica” unifica a história de três famílias, contadas pelas vítimas diretas da violência e seus filhos adultos, que presenciaram as cenas de violência quando crianças. A categoria dos contextos da violência doméstica engloba as formas de violência sofrida por cada vítima. Essa categoria irá analisar as cenas, 3, 7, 8, 11 e 14.

Na cena 3, Maria de Fátima e sua filha, Mariane, recapitulam cenas da última agressão sofrida, que aconteceu quando o ex-marido de Maria, pai de Mariane, recebeu uma carta anunciando o pedido de separação. Maria conta que ele lhe deu um soco no rosto, causando um hematoma em sua testa. Mariane lembra de seu pai indo até o quarto para bater em sua mãe que, mesmo tendo colocado um travesseiro no rosto para se proteger, se machucou. Após ver essa cena, Mariane chamou os vizinhos que vieram ajudá-las e levaram sua mãe para o hospital e ela para a casa de sua babá. Seu pai fugiu, pois ficou com medo dos vizinhos.

Nesse recorte, pode-se observar a ocorrência da violência física ocorrida com Maria ao ser agredida brutalmente por seu, até então, marido. Além disso, também é possível atentar para uma situação de negligência por parte do pai, que fugiu deixando a filha sem cuidados. Segundo Silva, Coelho e Caponi (2007), violência física caracteriza-se pela tentativa de causar prejuízo a outrem, mediante a força física ou de algum instrumento capaz de provocar lesões internas e/ou externas. As autoras também discorrem sobre negligência, que ocorre quando alguém demonstra desinteresse em cuidar de familiares que dependem dele, seja pela idade ou alguma condição que demande cuidados, retirando sua responsabilidade.

Nas cenas 7 e 8, outra família também relata momentos de violência vivenciados. No fragmento 7, Robson relata que suas lembranças de infância sempre envolvem destruição e medo de seu pai, exemplificando isso com os dias de natal em que sua mãe

montava a árvore e preparava o jantar, porém a noite sempre terminava com a árvore destruída, os presentes jogados e a comida esparramada pelo chão. Robson também conta que não consegue lembrar-se de momentos de carinho, fraternidade e amizade durante sua infância, e comenta que alguns familiares precisavam dormir na sua casa, pois seu pai andava por ela a noite com uma faca na mão, e ele enxergava a sombra no corredor enquanto estava em seu quarto.

Dando continuidade ao relato, Maria de Lourdes, mãe de Robson, narra um episódio, na cena 8, em que seu ex-marido tentou matar ela e seu filho mais velho com um revólver, porém Robson pegou as balas e levou-as para longe de casa após seu pai ter lhe dito que iria matar sua mãe e seu irmão. O agressor, ao perceber que estava sem balas no revólver, bateu em Maria com o mesmo, a ponto de quase matá-la. Em ambas as cenas, é possível identificar violência física, já caracterizada anteriormente, e violência psicológica, definida como ações danosas à auto-estima e ao desenvolvimento da vítima, incluindo ameaças, humilhações e chantagens. Esta é caracterizada como a violência com maior dificuldade em ser identificada e usualmente faz com que a vítima sinta-se desvalorizada e desencadeie crises de ansiedade (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

Nos recortes 11 e 14, a terceira família da reportagem narra sua história de violência. Na cena 11, Ana Cecília conta de uma situação em que seu pai chegou em casa bêbado no natal e sua mãe, que havia passado o dia inteiro cozinhando, reclamou do fato dele estar bêbado. Ao ouvir isso, ele deu um soco na mesa, que já estava arrumada, e toda a comida caiu no chão. Nessa situação, o álcool foi um fator agravante para o comportamento agressivo. Mota (2013) refere que o consumo de substâncias psicoativas, dentre elas o álcool, não está diretamente relacionado como causa da ocorrência de violência doméstica, mas pode ser utilizado como meio para os homens agressores desenvolverem confiança e desinibição para concretizarem os atos de violência.

No fragmento 14, Ana Cecília relata outro momento em que seu pai utilizou dos efeitos do álcool para concretizar seus atos violentos — desta vez, agredindo fisicamente sua mãe, que bateu a cabeça em um tijolo, necessitando fazer de trinta a quarenta pontos. No momento em que aconteceu a agressão, Eulália, mãe de Ana, botou um pano na cabeça e colocou os filhos para dormir, avisando que ela sairia, mas voltaria em pouco tempo. Eulália guarda o pano com seu sangue até hoje como forma dela não esquecer o que aconteceu e não voltar com seu ex-marido.

Nas cenas 3, 7, 8, 11 e 14 é possível observar padrões de comportamento advindos dos agressores. Segundo Minuchin (1990), existe um perfil já descrito sobre homens que maltratam/agredem suas parceiras. Esses indivíduos têm elementos em comum, os quais

podem ser usados como indicadores de prevalência de maus tratos na família. A lista de características do personagem agressor masculino repercutem em alguns dos mais rançosos estereótipos da masculinidade patriarcal. Os itens presentes são, em nível de personalidade: impulsividade, irritabilidade, intolerância ao estresse e à frustração, déficit de autoestima, de assertividade e de habilidades sociais, frustração em seu desempenho do que considera o papel masculino, perfeccionismo, paternalismo, protecionismo, ciúmes, desconfiança, sentimentos de medo, insegurança e impotência diante da ameaça de perda de poder e de controle sobre o parceiro. Em nível de conduta, há prevalência de abuso de álcool ou de outras drogas, antecedentes pessoais de maus-tratos infantis, problemas de relação de casal, econômicos, trabalhistas e judiciais. E no nível de valores, observa-se autoritarismo, convencionalismo, tradicionalismo, machismo, retóricas sobre o valor da família, disciplina e castigo como recursos estratégicos à prevenção ou à solução de problemas domésticos ou sobre a necessidade de domar e domesticar as más inclinações da parceira.

Para finalizar essa categoria, é importante pontuar que a existência de violência contra a mulher influencia o desenvolvimento da vida da vítima, causando diversas consequências que serão prejudiciais à vida da mesma, danificando e comprometendo o desempenho dos direitos humanos e da cidadania, juntamente com o andamento da parte socioeconômica de um país (Narvaz & Koller, 2006).

Categoria 2 - Repercussões nos filhos

Criou-se essa categoria a fim de analisar as consequências da exposição à violência doméstica percebidas em cada um dos filhos da reportagem. Para tal, utilizou-se dos relatos de cada indivíduo. Essa categoria irá analisar as cenas 4, 5, 10, 13, 15 e 17.

Na cena 4, Maria de Fátima relata que Mariane, por ser a filha mais velha, diversas vezes interferia nas brigas dos pais, colocando-se entre eles, enquanto seu filho mais novo se escondia. Além disso, conta que o irmão de Mariane não gosta de visitar o pai, pois guarda mágoas e tem medo do mesmo. Essa narrativa explicita a diferença dos efeitos da visualização da violência em cada um dos filhos de uma mesma família — enquanto Mariane sentia desejo de impedir a agressão e demonstrava coragem em fazê-lo, seu irmão mostrava-se temeroso em relação às situações, algo que o impedia de ficar na presença de seus pais nesses momentos. Segundo o relato de Maria, esses sentimentos perduram até hoje no filho, que já é adulto. A criança que faz parte de um microsistema familiar violento poderá ter a inserção de sentimentos negativos como a revolta, humilhação, tristeza e mágoa, podendo perpassar para a idade adulta (Gabatz, Padoin, Neves & Terra, 2010; Apostólico, Hino & Egry, 2013).

Ainda Mariane, no recorte 5, declara ter dificuldades em tratar a violência doméstica como um contexto que não é normal, justificando esse pensamento pelo fato de ter crescido em uma família em que essa era a realidade, complementando: *“Aí eu tenho que trabalhar com a parte de que não, não é normal”*. Elias e Gauer (2014), descrevem que a violência doméstica deferida contra as mulheres no âmbito familiar, em detrimento da violência de gênero, abala toda a constituição familiar, em especial, as crianças que, por conviverem com tamanha violência, desde pequenos, a naturalizam como algo ocorrente em qualquer família ou relação conjugal. Esses comportamentos, *a posteriori*, podem ser repetidos com seus filhos e cônjuges.

Na cena 10, Robson menciona ter dificuldade em expressar emoções, relatando não conseguir falar a frase “eu te amo” para ninguém, nem mesmo para sua ex-esposa, com quem foi casado por vinte anos: *“Fiquei vinte anos com ela, tenho dois filhos, uma menina de vinte e dois anos e um menino de quatorze, não consigo ser uma pessoa amorosa com eles, tenho dificuldade nessa relação, é como se me faltasse a referência de família, falar eu te amo esquece, nunca falo, e se você falar pra mim eu te amo, eu não acredito, pra mim ninguém me ama, eu enxergo o amor hoje como uma coisa muito delicada, eu acho que as pessoas te amam enquanto precisam, na hora que não precisa ou que você não é mais útil não te amam mais, eu não enxergo aquela possibilidade de amor infinito, amor verdadeiro”*. Robson demonstra revolta enquanto narra suas adversidades, deixando claro a mágoa e ressentimento que sente de seu pai por não ter sido uma figura modelo em sua infância.

Para Martins (2009), crianças que vivem em circunstâncias nas quais testemunham agressões têm suas concepções de casa e família ameaçada, pois a referência de local de segurança e proteção, que deveria estar sendo formada, fragmenta-se, deixando as crianças sem figuras de suporte e modelo saudável/adaptativo. Pode-se descrever, também, que a omissão do papel de alicerce emocional e de confiança, o qual os filhos deveriam ter perante os pais, não atende as necessidades básicas de uma criança, podendo vir a comprometer gravemente seus padrões e mecanismos de vinculação, tanto no momento atual, como no futuro.

Ana Cecília, no fragmento 13, descreve as sequelas provocadas pelos anos em que presenciou violência doméstica contra sua mãe, relatando ter sido a mais prejudicada de todos os filhos, reprovando diversas vezes a quinta série e internalizando temor de diferentes situações. Eulália comenta sobre essa temática dizendo que Ana teve dificuldades de aprendizagem e precisou realizar tratamento com uma psicóloga. Quando a criança é exposta a violência doméstica, diversos aspectos de seu desenvolvimento podem

apresentar prejuízos — o funcionamento cognitivo e a supressão social do QI são alguns exemplos que tem ligação direta à capacidade de aprendizado. Se esses elementos apresentarem algum nível de déficit, então as chances da criança/adolescente desenvolver dificuldades escolares aumentam (Preto & Moreira, 2011).

Na cena 15, Ana Cecília conta que era muito agressiva, principalmente na adolescência: “*Não levava desaforo pra casa, eu não precisava disso, as vezes nem precisava eu tava dando patada, mas pela criação que eu tive, não era nem porque eu não gostava da pessoa*”. Manifestando impulsividade e reações precipitadas em algumas situações, pode-se analisar essas atitudes de Ana como forma de externalizar, em outros contextos, a revolta e a insatisfação que não podia expressar em casa. Segundo Santos (2011), filhos de casais violentos tendem a reproduzir a violência em suas relações pessoais, pelo fato de terem aprendido que essa é a única forma de resolverem seus conflitos, por isso é de extrema importância intervir nesses filhos.

Ana Cecília, na cena 17, fala sobre o papel que a música tem em sua vida. Atualmente, ela faz parte de um grupo de rap chamado “Atitude Feminina”, composto por mulheres que passaram pelas mesmas situações que Ana quando crianças, cantando sobre isso e procurando lidar com suas questões familiares através de canções que escrevem. A música pode ser vista na vida de Ana como uma forma saudável que ela encontrou de externalizar seu sofrimento, ao mesmo tempo em que o trabalha e utiliza as letras para auxiliar outras pessoas que podem estar passando por situações semelhantes às que vivenciou. A maneira com que cada indivíduo reage a situações traumáticas difere muito, algumas formas agirão de forma protetiva, porém outras poderão colocar o sujeito em um risco maior (Poletto, 2013). No caso de Ana, o rap atua de modo protetivo para suas angústias, na medida em que a auxilia a ressignificar as situações violentas que presenciou durante sua infância, bem como oferece a possibilidade de compartilhá-las com outras mulheres que passaram pelas mesmas situações.

Categoria 3 - Aspectos conceituais da teoria sistêmica

Essa categoria foi criada para citar algumas contribuições da teoria sistêmica para a temática de filhos expostos à violência doméstica contra a mulher, bem como realizar análise do artefato cultural sob o viés da teoria sistêmica. Essa categoria irá analisar as cenas 1, 2, 5, 6, 9, 11, 12 e 16.

A Terapia Sistêmica Estratégica utiliza-se do conceito de *feedbacks* como uma das formas de se compreender as interações familiares. Existem dois tipos diferentes: o positivo e o negativo — chamados assim devido aos efeitos que causam no sistema

familiar. O *feedback* negativo assegura a homeostase familiar, mantendo a estabilidade sem ocorrer nenhuma mudança. O *feedback* positivo causa alguma mudança no ambiente familiar, acarretando quebra na homeostase (Camacho, 2005).

Na reportagem foram identificadas duas cenas para esse conceito. Na cena 1, Maria de Fátima, mãe de Mariane, conta que levava os filhos para um quartinho toda vez que o pai iria chegar em casa bêbado e desnorteado. “*Quando eles tinham 3 e 4 anos, eles já tinham a compreensão da violência, toda vez que o pai chegava naquele estado eu levava eles pra um quartinho, ficava com eles lá, ligava a televisão, deixava o outro fazer o que quisesse, quebrar, o rádio em último volume, incomodava os vizinhos, mas eu mantinha os dois lá e falava vamos ver televisão, até que eles dormiam*”, nesse caso, acontece um *feedback* negativo em relação a estrutura familiar quando Maria continua com seus movimentos costumeiros, mantendo a homeostase e não ofertando espaço para a mudança.

Na cena 9 é possível observar o *feedback* positivo que ocorreu quando Robson saiu de casa aos treze anos. Robson conseguiu quebrar a homeostase familiar e se retirar do recinto violento onde cresceu, preferindo morar nas ruas do que em sua casa, deixando o pai sozinho após anos de sofrimento psicológico.

No recorte 2, Mariane relata sobre o relacionamento dos pais, contando que o pai geralmente chegava bêbado em casa e sua mãe não gostava quando isso acontecia; além disso, ela não lembra dos pais convivendo como um casal em casa. As famílias são formadas por subsistemas, os mais comuns são fraternal, parental e conjugal. A organização de subsistemas de uma família fornece subsídios para a quebra de homeostase, em se tratando do processo de manutenção de sistemas e subsistemas disfuncionais (Dias, 2011).

Segundo Boas, Dessen e Melchiori (2010), a família é um sistema com hierarquias e interativo, portanto é importante que os subsistemas estejam em harmonia, sem afetar um ao outro negativamente. Por conseguinte, o acontecimento de desavenças no sistema familiar acarreta alterações na forma com que os pais educam os filhos, enfraquecendo o subsistema parental, e, conseqüentemente, prejudicando os participantes da família, em especial os filhos, que podem ter reflexos disso em seu desenvolvimento. Na cena 2, foi possível observar que os pais de Mariane nunca foram amorosos entre si, deixando que os problemas conjugais afetassem seus papéis de educadores.

Na cena 5, já citada na categoria “repercussões nos filhos”, Mariane declara ter dificuldades em tratar a violência doméstica como um contexto que não é normal, justificando esse pensamento pelo fato de ter crescido em uma família em que essa era a realidade, complementando: “*Aí eu tenho que trabalhar com a parte de que não, não é*

normal”. Bowen (1979) discorre sobre o conceito da diferenciação de *self*, que diz respeito ao nível de individuação do sujeito em relação a sua família de origem. Mariane demonstra dificuldade em afastar-se da lógica da violência, a qual foi exposta durante toda sua infância e parte da adolescência, porém manifesta clareza em relação aos prejuízos acarretados pelas agressões, bem como se esforça para diferenciar-se de sua família de origem.

Na cena 6, Maria de Lourdes, mãe de Robson, está segurando uma foto do dia de seu casamento. Quando a repórter a questiona o que pensa quando olha para a foto, Maria responde: *“Ah que foi uma vida perdida, eu era uma menina, 16 anos, perdi minha juventude toda, tinha tudo pra ser uma família feliz, infelizmente não deu”*. Maria de Lourdes demonstra não visualizar um lado positivo em sua história de vida ao utilizar a palavra “perdida” para caracterizá-la. Pode-se refletir sobre esse trecho da reportagem a partir da abordagem narrativa, parte integrante da teoria sistêmica, a qual afirma que todo o conhecimento é visto como construído, em vez de descoberto, e que se preocupa com o modo em que as pessoas constroem seus significados, a partir das suas experiências, em vez de se preocuparem com a maneira em que se comportam. A narrativa focaliza cognições auto derrotistas (as histórias que as pessoas contam a si mesmas sobre seus problemas), com o objetivo de expandir o pensamento dos pacientes, a fim de permitir que considerem maneiras alternativas de olhar para si mesmos e seus problemas. Isso porque, quando as histórias que as pessoas contam a si mesmas levam-nas a construir sua experiência de maneira prejudicial, elas tendem a mergulhar em problemas. Esse problema, por exemplo, provavelmente persistirá enquanto tais histórias prejudiciais continuarem imutáveis (Nichols, 2007).

Na cena 12, Ana relata que tinha muito medo de seu pai por ele ter esse temperamento: *“Só dele falar Ana Cecília eu fazia xixi na roupa, quando falava o nome completo né”*. O conceito de hierarquia é definido como uma estrutura de poder, envolvendo controle, adaptabilidade e influência. Além disso, inclui uma relação de controle de tomada de decisões, tanto em eventos cotidianos, como em acontecimentos esporádicos. A tomada do papel de poder é adaptativa somente em situações que ajudam a conservar o equilíbrio no sistema familiar. A hierarquia sustenta o funcionamento familiar saudável apenas quando o casal mantém uma relação igualitária entre si e possui maior poder do que os filhos, porém sendo flexíveis diante das mudanças que ocorrem em seus desenvolvimentos (Feldman & Gehring, 1988). O relato de Ana demonstra que a estrutura hierárquica de sua família tinha como base o autoritarismo, por parte de seu pai, o qual

utilizava o poder de figura paterna de forma intimidadora, a fim de causar medo em sua filha pequena.

No fragmento 11, já citado na categoria “contextos da violência doméstica”, Ana Cecília conta que seu pai não é um homem carinhoso, e cresceu em uma família onde era normal o homem mandar na casa e agredir a esposa. O pai de Ana repetiu o comportamento de sua família de origem, visto que todos os homens de sua família agiam da mesma forma. A teoria de Bowen trabalha com o conceito de transmissão multigeracional, que se refere ao movimento de passagem de ansiedades e processos emocionais de geração para geração. Famílias que realizam esse deslocamento tendem a não fornecer espaço para os filhos efetuarem suas próprias escolhas, que se conformam com a situação ou se rebelam (Martins, Rabinovich & Silva, 2008).

No fragmento 16, Ana Cecília menciona que tinha muito medo de namorar e de ser agredida igual sua mãe, até que seu primeiro namorado lhe deu um tapa na cara na frente de algumas pessoas. No momento que isso aconteceu, Ana percebeu a história se repetindo e relata: *“Eu vi minha mãe sofrer isso, de repente eu levei um tapa na cara por nada? Aí pra esse menino acabou, aquele dia acabou”*. Nessa cena, Ana relata o momento em que se deu conta de que poderia repetir a história de vida de sua mãe, mas, ao compreender a situação, conseguiu remediá-la, terminando o namoro e impedindo a transmissão multigeracional.

Conforme visto na integração das três categorias a exposição à violência doméstica é um fator desencadeante de diversos traumas nos sujeitos. Foram analisados três casos diferentes, e cada um dos filhos levou marcas diferentes para a vida adulta, mesmo tendo presenciado situações similares. Além disso, os três indivíduos demonstram nutrir diferentes sentimentos em relações aos seus pais agressores. Mariane mantém contato com o pai e relata gostar dele; Robson realiza o movimento inverso e desde os treze anos nunca mais viu o pai e diz que ele não significa nada em sua vida; e Ana Cecília declara não ter contato com o pai, porém sente pena dele por ser do jeito que é. Por fim, os conceitos da teoria sistêmica foram capazes de abarcar as vivências relatadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou identificar possíveis consequências psicológicas presentes em filhos(as) de mulheres em contexto de violência doméstica, e o viés sistêmico foi escolhido para compreender a dinâmica dessas famílias. Foi utilizada uma reportagem como fonte de análise, o fato de ser um artefato cultural construído por histórias verídicas contribuiu para o melhor entendimento do tema, visto que possibilitou maior apreensão do que acontece em contextos de famílias reais.

Os objetivos desse trabalho foram alcançados, visto que foi possível realizar a caracterização da violência doméstica contra a mulher, assim como descrever os aspectos encontrados em pessoas expostas a essa violência, e realizar a análise dessas situações a partir da teoria sistêmica.

As consequências da exposição à violência doméstica, quando crianças, manifestam-se nos sujeitos a partir de diferentes sintomas, sejam eles cognitivos, comportamentais ou emocionais. Estes sintomas evidenciaram-se através dos relatos dos filhos participantes da reportagem sobre as dificuldades e desafios enfrentados em suas vidas adultas, em razão das circunstâncias em que se desenvolveram. As principais sequelas apresentadas foram inabilidade em demonstrar afeto para outras pessoas, envolvimento em relacionamentos violentos, habilidades sociais escassas, dificuldades de aprendizado e sentimentos de inferioridade em relação a terceiros.

Com relação às limitações encontradas é relevante citar a dificuldade em encontrar um artefato cultural que abarcasse especificamente a temática do trabalho. Foram encontrados diversos artefatos sobre a violência doméstica contra a mulher, porém poucos que demonstrassem os filhos visualizando as cenas de agressão e as consequências advindas dessa exposição. A sugestão é que produzam mais artefatos voltados a essa temática que se mostra tão importante na atualidade.

A teoria sistêmica demonstrou ser uma abordagem com uma gama de contribuições para o assunto de famílias permeadas pela violência doméstica, porém foram encontrados poucos trabalhos com o enfoque nos filhos expostos as agressões pelo viés sistêmico, sendo assim propõe-se a realização de mais estudos sobre a violência doméstica contra a mulher com foco nos impactos nos filhos das mesmas, visto ser uma temática ainda pouco explorada e com escassez de publicações.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal* (p. 13-23) (10ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abranches, C. D. & Assis, S. G. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(5), 843-854.
- Abreu, Z. (2002). Luta das mulheres pelo direito de voto: Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. *Arquipélago*, 2(6), 443-469.
- Almeida, A. & Lourenço, L. M. (2012). Como a violência doméstica/intrafamiliar foi vista ao longo do tempo no Brasil: breve contextualização. *Perspectivas En Psicologia*, 9(1), 14-23.
- Andrade, E. G., Fabre, M., Abritta, P., Rosa, T., Beckstein, A. (Produtores) & Vasconcellos, B. (Diretora). (2010). *Filhos da Violência Doméstica* [Reportagem]. Brasil: TV Brasil.
- Apostolico, M. R., Hino, P. & Egry, E. Y. (2013). As possibilidades de enfrentamento da violência infantil na consulta de enfermagem sistematizada. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 47(2), 320-327.
- Bandura, A. (1976). *Social learning theory* [Versão Eletrônica]. Englewood Cliffs, New Jersey: PrenticeHall.
- Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A. & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 91-102.
- Bowen, M. (1979). *De La Familia Al Individuo: La Diferenciacion Del Sí Mismo En El Sistema Familiar* [Versão Eletrônica]. Barcelona: Paidós.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss* (2ª ed.) [Versão Eletrônica]. New York: Basic Books.
- BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.
- BRASIL. (2008). Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS. *Temático prevenção de violência e cultura de paz III*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde.

- Camacho, J. M. (2005). *El humor en la práctica de la psicoterapia de orientación sistémica*. Tese de doutorado não-publicada, Faculdade de Psicologia, Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina.
- Caprichoso, D. R. O. (2010). *Percepção de crianças expostas à violência interparental*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Mestrado em Psicologia Jurídica, Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal.
- Carvalho, J. R. & Oliveira, V. H. (2017). Violência doméstica, violência na gravidez e transmissão entre gerações. *Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher*, 1-20.
- Casique, L. C. & Furegato, A. R. F. (2006). Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(6).
- Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(número especial), 95-104.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G. & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Durand, J. G., Schraiber, L. B., França-Junior, I. & Barros, C. (2011). Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Revista Saúde Pública* 45(2), 355-364.
- Elias, M. F. & Gauer, G. J. C. (2014). Sistema penal e violência. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito*, 6(1), 117-128.
- Feldman, S. S. & Gehring, T. M. (1988). Changing perceptions of family cohesion and power across adolescence. *Child Development*, 59, 1034-1045.
- Fergusson, D. M. & Horwood, J. L. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychosocial adjustment in young adulthood [Versão Eletrônica]. In D. M. Fergusson & J. L. Horwood (Eds.), *Child Abuse and Neglect*, 22(5), 339-357.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.) (J. E. Costa, Trad.) [Versão Eletrônica]. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gabatz, R. I. B., Padoin, S. M. M., Neves, E. T. & Terra, M. G. (2010). Fatores relacionados à institucionalização: perspectivas de crianças vítimas de violência intrafamiliar. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(4). 670-677.

- Galliano, A. G. (1979). *O método científico: Teoria e prática* [Versão Eletrônica]. São Paulo: Mosaico.
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa* [Versão Eletrônica]. Porto Alegre: UFRGS.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.) [Versão Eletrônica]. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, M. C. G. & Pedroza, R. L. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 256-266.
- Kronbauer, J. F. D. & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista Saúde Pública*, 39(5), 695-701.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settinieri, Trads.) [Versão Eletrônica]. Porto Alegre: Artmed.
- Loos, H. & Casseiro, L. F. K. (2010). Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 293-303.
- Lourenço, L. M., Baptista, M. N., Senra, L. X., Almeida, A. A., Basílio, C. & Bhone, F. M. C. (2013). Consequências da exposição à violência doméstica para as crianças: uma revisão sistemática da literatura. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(55), 263-271.
- Lourenço, L. M. & Senra, L. X. (2012). A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia*, (37), 42-52.
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Campos, L. M., Camargo, C. L., Estrela, F. M. & Couto, T. M. (2017). Expressão da violência intrafamiliar: História oral de adolescentes. *Revista Texto e Contexto*, 26(4), 1-9.
- Magro, T. O. & Senra, L. X. (2014). Consequências psicológicas em crianças expostas à violência doméstica. *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*, 1-17. Acesso em 2 de Outubro, 2018, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0366.pdf>.
- Martins, A. P. A. (2015). O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia* 4(1), 231-245.
- Martins, D. D. R. (2009). *O impacto da violência familiar na saúde de crianças e jovens adolescente*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Mestrado em Psicologia da Justiça, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Braga, Portugal.
- Martins, E. M. A., Rabinovich, E. P. & Silva, C. N. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: Um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.

- Menezes, T. C., Amorim, M. M. R., Santos, L. C. & Faúndes, A. (2003). Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 25(5), 309-316.
- Minayo, M. C. S., Silva, F. R. & Gomes, R. (2005). Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero [Versão Eletrônica]. In Ministério da Saúde. *Impacto da violência da saúde dos brasileiros*. (p. 117–140).
- Minuchin, S. (1990). *Família: Funcionamento e tratamento* (J. A. Cunha, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1982).
- Mota, L. A. (2013). Uso nocivo de álcool e violência doméstica: Reflexões sobre um programa de justiça terapêutica em Fortaleza/CE. *Revista Datavenia*, 5(1). 99-119.
- Mota, N. S. M. (2012). O desenvolvimento pessoal da criança “ali-e-nada”: uma ênfase sobre as consequências da síndrome da alienação parental. *Psicologado*, 7. Acesso em 7 de maio, 2019, de <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-juridica/o-desenvolvimento-pessoal-da-crianca-ali-e-nada-uma-enfase-sobre-as-consequencias-da-sindrome-da-alienacao-parental>.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia Em Estudo*, 11(3), 647-654.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Revista Psico*, 37(1), 7-13.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Padilha, E. M., & Silva, F. N. (2012). Aspectos psicológicos relevantes da violência doméstica. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, 1(2), 105-122.
- Patias, N. D. & Bossi, T. J. & Dell’Aglío, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: uma revisão da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(4), 901-915.
- Poletto, M. (2013). Resiliência: Novas possibilidades. [Versão Eletrônica]. In M. Poletto, A. P. L. de Souza & S. H. Koller (Orgs), *Direitos Humanos, Prevenção à Violência Contra Crianças e Adolescentes e Mediação de Conflitos* (p.37-45). Porto Alegre: IDEOGRAF.
- Preto, M. & Moreira, P. A. S. (2011). Auto-regulação da aprendizagem em crianças e adolescentes filhos de vítimas de violência doméstica contra mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4). 730-737.

- Ramos, M. L. C. O. & Silva, A. L. (2011). Estudo sobre a violência doméstica contra a criança em unidades básicas de saúde do município de São Paulo – Brasil. *Saúde e Sociedade*, 20(1), 136-146.
- Ribeiro, C. G. & Coutinho, M. L. L. (2011). Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. *Psicologia e Saúde*, 3(1), 52-59.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado, Violência* (2º ed.). São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo.
- Sant'anna, T. C. & Penso, M. A. (2016). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-11.
- Santos, I. A. (2011, agosto). *Violência de Gênero e Políticas Públicas: Os Avanços Sociais no Atendimento das Vítimas de Violência Doméstica em Cuiabá*. Trabalho apresentado na 5ª Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís, Maranhão.
- Schmidt, B., Schneider, D. R. & Crepaldi, M. A. (2011). Abordagem da violência familiar pelos serviços de saúde: Contribuições do pensamento sistêmico. *Revista Psico*, 42(3), 328-336.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica (G. L. Lobo, Trad.). *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99. (Trabalho original publicado em 1988).
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93-103.
- Silva, L. S. (2010). Gênero: uma categoria analítica que transcende ao feminino. *Educação, gestão e sociedade*, 1(1), 1 - 13.
- Sinclair, D. (1985). *Understanding wife assault: a training manual for counselors and advocates* [Versão Eletrônica]. Toronto: Ontario. Publishing Company.
- Sousa, N. S., Vieira, C. S., Fernandes, P. A. & Sousa, C. S. (2013). A violência doméstica infantil e as políticas públicas. *Cadernos da FUCAMP*, 12(16), 45-63.
- Strey, M. N. (2004). Violência de gênero: Uma questão complexa e interminável. In M. N. Strey, M. P. R. Azambuja & F. P. Jaeger (Orgs.), *Violência, gênero e políticas públicas* (p. 13-44). Porto Alegre: EDIPUCRS.

ANEXO

Cenas	Categorias
<p>Cena 1 - Maria de Fátima, mãe de Mariane, conta os movimentos que costumava fazer para que os seus filhos, crianças na época, não observassem os acessos de raiva que o pai tinha quando chegava bêbado em casa, relata: <u>“Quando eles tinham 3 e 4 anos, eles já tinham a compreensão da violência, toda vez que o pai chegava naquele estado eu levava eles pra um quartinho, ficava com eles lá, ligava a televisão, deixava o outro fazer o que quisesse, quebrar, o rádio em último volume, incomodava os vizinhos, mas eu mantinha os dois lá e falava vamos ver televisão, até que eles dormiam”</u>.</p>	Aspectos conceituais da teoria sistêmica
<p>Cena 2 - Mariane comenta sobre as lembranças que tem de sua infância e do relacionamento de seus pais: “Ele geralmente chegava bêbado, então <u>lembro sempre da minha mãe retrucando o que ele falava, eu lembro do relacionamento deles, eu não lembro muito deles convivendo como um casal em casa</u>”. Neste trecho, Mariane faz menção a falta de afeto e carinho entre seus pais.</p>	Aspectos conceituais da teoria sistêmica
<p>Cena 3 - Mariane e sua mãe relembram como aconteceu a última agressão sofrida, Maria de Fátima comenta: “A última agressão foi quando ele recebeu a carta que</p>	

a gente tava separado de corpos e que ele ia ser chamado pra gente se separar, aí ele me deu um murro aí abriu aqui”, neste momento Maria aponta para a testa e faz um risco com a mão até a sobrancelha direita. Mariane também relata o acontecido: “Eu só lembro do meu pai indo pro quarto, e aí ele foi pra cima dela, ela colocou o travesseiro pra se proteger, ela tava deitada, ela colocou o travesseiro pra se proteger e ele começou a socar o travesseiro, e aí quando ela tirou o travesseiro a cara dela tava toda ensanguentada”. Após isso, Mariane chamou os vizinhos, que vieram ajudar e o agressor foi embora pois ficou com medo de apanhar dos filhos da vizinha, Maria foi pro hospital e Mariane foi para a casa da babá.

Contextos da violência doméstica

Cena 4 - Maria diz que sua filha, por ser a mais velha, diversas vezes se colocava entre os pais nas horas de briga, enquanto seu filho mais novo se escondia. Além disso, Maria relata que seu filho mais novo não gosta de visitar o pai, pois guarda mágoas e tem medo o mesmo, e só vai quando sua irmã vai também.

Repercussões nos filhos

Cena 5 - Mariane refere ter dificuldade em tratar a violência doméstica como algo maléfico, e justifica isso com o fato de ter crescido presenciando essa realidade constantemente: “Uma parte minha, o subconsciente, acha normal, e aí eu tenho que trabalhar com a parte de não, não é

Repercussões nos filhos

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

normal”.

Cena 6 - Maria de Lourdes, mãe de Robson, está segurando uma foto do dia de seu casamento, a repórter pergunta a ela o que ela pensa quando olha para essa foto e a mesma responde: “Ah que foi uma vida perdida, eu era uma menina, 16 anos, perdi minha juventude toda, tinha tudo pra ser uma família feliz, infelizmente não deu”, se referindo as consequências causadas pela violência que permeiava a vida familiar.

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

Cena 7 - Robson relata acontecimentos que lembra de sua infância e dos comportamentos de seu pai: “O que eu lembro do convívio em família é sempre de destruição, de medo, de coisas quebradas, por exemplo, dia de natal a mãe montava a árvore de natal, com aquele carinho de mãe, com quatro filhos, três filhos na época, e o que eu lembro do natal é assim a árvore destruída, os presentes tudo jogado, comida esparramada pelo chão” e complementa: “Se eu paro pra relembrar minha infância eu só lembro coisa ruim, eu nunca vejo um momento de carinho, de fraternidade, de amizade, não me recordo disso, eu lembro dos familiares tendo que ir dormir em casa porque ele ficava andando a noite com uma faca, então imagina você deitado no quarto e vendo a luz lá no corredor acesa e o reflexo dele passando com a faca, estilo filme de terror”.

Contextos da violência doméstica

Cena 8 - Maria de Lourdes narra um

episódio em que seu ex-marido tentou matar ela e seu filho mais velho: “Ele bateu na minha nuca com revólver, abriu a cabeça né, começou a sair muito sangue, segurando pelo meu cabelo ele percebeu que tinha sangue, ele me levou pro chuveiro, me arrastou pro chuveiro”. Robson a auxilia a contar com pesar na voz: “Ele tava com uma arma na mão, então ele botou a arma em cima da mesa da cozinha, botou as balas da arma do lado, e falou assim hoje eu vou matar sua mãe e seu irmão, e entrou no quarto pra bater nela, aí minha atitude vendo aquela situação foi pegar as balas do revólver e correr pra rua, daí eu catei as balas do revólver e corri pra casa de um colega de escola, contei a situação pros pais, eles acabaram me acolhendo naquela noite, na minha cabeça eu tinha salvo minha mãe porque eu tinha carregado as balas, mas ele usou o revólver pra bater nela de coronha e quebrou ela inteira de revólver”.

Contextos da violência doméstica

Cena 9 - Maria de Lourdes relata: “Não existia família ali, eu só tinha meus filhos e mais nada, tanto é que quando eu tinha meu filho menorzinho, eu tava dando de mamar e ele me deu um tiro, um tiro de revólver mesmo, mas não pegou”, Robson desabafa que não tem lembrança da fisionomia de seu pai e complementa: “Quando eu optei sair de casa, ainda moleque com treze anos eu rompi com meu pai, meu pai faleceu se eu não me engano em 2010 e eu não fui no enterro, pra mim era uma pessoa estranha,

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

então eu não tenho essa referência”.

Cena 10 - Robson demonstra tristeza em referir que sente dificuldade em expressar emoções: “Eu tenho dificuldade em falar eu te amo, eu acho que não acredito na frase eu te amo”, repórter questiona Robson se quando ele era casado conseguia dizer isso para a esposa, o mesmo responde: “Não não, não falava, fiquei vinte anos com ela, tenho dois filhos, uma menina de vinte e dois anos e um menino de quatorze, não consigo ser uma pessoa amorosa com eles, tenho dificuldade nessa relação, é como se me faltasse a referência de família, falar eu te amo esquece, nunca falo, e se você falar pra mim eu te amo, eu não acredito, pra mim ninguém me ama, eu enxergo o amor hoje como uma coisa muito delicada, eu acho que as pessoas te amam enquanto precisam, na hora que não precisa ou que você não é mais útil não te amam mais, eu não enxergo aquela possibilidade de amor infinito, amor verdadeiro”. Apesar de ter essa visão sobre o amor Robson menciona que acha que sua mãe o ama, porém não consegue dizer “eu te amo” para ela nem para ninguém.

Repercussões nos filhos

Cena 11 - Ana Cecília relata o jeito de ser de seu pai: “Meu pai não é um homem carinhoso né, nordestino, foi criado no meio de pessoas muito ricas, onde tinham, pode se dizer escravos, porque o jeito que eles viviam lá né, e na família do meu pai era muito comum que o homem mandasse na

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

casa e que ele batesse na mulher, era normal”. Logo após conta de uma situação de acesso de raiva de seu pai que se recorda: “Quando chovia em São Sebastião acabava a luz, e em um natal eu me lembro que minha mãe cozinhou o dia inteiro, e minha mãe reclamou com ele assim ‘mas já, cê tá bêbado’, minha mãe já tinha arrumado a mesa, ele deu um soco na mesa, e a mesa era de vidro muito grosso, no que ele deu esse soco a comida inteira foi pro chão”. Eulália, mãe de Ana Cecília, narra outra situação parecida: “Eu cheguei do trabalho eles estavam brincando, aí eu botei uma roupinha normal e sentei na mesa pra comer alguma coisa, tava jantando, e eles brincando lá fora, aí ele começou a discutir, e eu não falava nada, por eu não falar nada ele veio e deu um murro em cima da mesa, e a mesa era redonda com tampo de vidro, aí caiu tudo em cima das minhas pernas, e eu dei um grito”.

Contextos da violência doméstica

Cena 12 - Ana relata que tinha muito medo de seu pai por ele ter esse temperamento: “Só dele falar Ana Cecília eu fazia xixi na roupa, quando falava o nome completo né”.

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

Cena 13 - Ana Cecília descreve as sequelas provocadas pelos anos em que presenciou violência doméstica contra sua mãe: “Minha mãe sempre fala que de todos ela acha que eu fui a mais prejudicada, porque eu demorei a ler, eu reprovei muito a quinta série, eu tinha muito medo, eu joguei todo o

estresse dessa situação nos meus dentes, tanto que eu usei dez anos aparelho”. Eulália comenta: “Ela teve problemas de aprendizado, ela teve que fazer tratamento com psicóloga, uma amiga minha conseguiu na UnB, eu ia todas as vezes, mas ele nunca foi, a psicóloga veio aqui tentou falar com ele mas ele não quis”.

Repercussões nos filhos

Cena 14 - Ana Cecília narra uma situação em que seu pai estava bêbado, tentou beijar sua mãe e após ela negar ele a empurrou fazendo com que ela batesse a cabeça em um tijolo, conta: “Ela rachou o crânio, onde ela levou não sei se foi trinta ou quarenta pontos na cabeça, e eu era muito pequena sem entender, a única coisa que eu lembro dela dizer era assim ‘você vão ficar em casa, vão dormir, a mamãe vai sair, daqui a pouco a mamãe volta’, ela tava com um pano na cabeça, uma fralda, e essa fralda tava toda vermelha, daí eu perguntei o por que da fralda estar vermelha e ela disse ‘não, a mamãe pintou de tinta’, então na minha cabeça a minha mãe tinha pintado o cabelo de vermelho”. Após, Eulália mostra que guardou o pano utilizado nesse dia com uma carta para ela nunca mais esquecer o que aconteceu e não continuar com ele.

Contextos da violência doméstica

Cena 15 - Ana conta que era muito agressiva: “Não levava desaforo pra casa, eu não precisava disso, as vezes nem precisava eu tava dando patada, mas pela criação que eu tive, não era nem porque eu não gostava

Repercussões nos filhos

da pessoa”.

Cena 16 - Ana Cecília menciona que tinha muito medo de namorar e de ser agredida igual sua mãe, até que seu primeiro namorado lhe deu um tapa na cara na frente de algumas pessoas. Relata: “Eu vi minha mãe sofrer isso, de repente eu levei um tapa na cara por nada? Aí pra esse menino acabou, aquele dia acabou”, fazendo menção ao término de namoro que ocorreu após a agressão.

Cena 17 - Ana Cecília fala sobre como a música mudou sua vida, ela faz parte de um grupo de rap chamado “Atitude Feminina”, composto por mulheres que passaram por situações parecidas com as de Ana e escreveram uma música sobre suas histórias. A música foi a maneira que Ana encontrou de trabalhar suas questões com aquilo que presenciou quando criança.

Aspectos conceituais da teoria sistêmica

Repercussões nos filhos